

Antonio Ruffino Netto

A IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA NO CONTROLE DAS DOENÇAS NEGLIGENCIÁVEIS

Sinto-me lisonjeado com o honroso convite para preparar um editorial para a **Revista Hansenologia Internationalis: hanseníase e outras doenças infecciosas** no instante que a mesma se propõe a ampliar o leque de assuntos abarcando outros temas além da hanseníase.

Para tanto, creio importante lembrar inicialmente o papel da ciência em geral, o papel de uma revista e finalmente, algumas considerações sobre as doenças negligenciáveis.

O homem em contato com o mundo, interagindo com o mundo, sofrendo o mundo e tentando modificar o mundo, se souber utilizar seu pensamento, irá produzir constantemente conhecimentos, fruto dessa interação onde haja uma práxis, isto é, ação acompanhada de reflexão sobre o que está fazendo. Diferentes tipos de conhecimentos daí surgirão fruto dessa práxis: conhecimentos popular, científico, filosófico, teológico, artístico, mítico, etc. O conhecimento científico tem como característica, a utilização do método científico para sua elaboração: vai levantando perguntas, criando hipóteses explicativas, testando as mesmas, elaborando teorias e as ciências correspondentes. Evidentemente, o conhecimento científico é muito importante como importante são também os outros conhecimentos. Vale ressaltar contudo que, se à ciência cabe o papel de revelar cientificamente o mundo, explicando sua origem, natureza, e interações que nele ocorrem, sejam psicológicas, sociológicas ou outras, cabe também o papel de modificar esse mundo em um mundo melhor, mais saudável, mais livre das doenças e mais humano. Se para as ciências puras a tarefa fundamental é buscar explicações, para as ciências aplicadas espera-se a tarefa igualmente importante que é de aplicar esses conhecimentos para

Netto AR. A importância da ciência no controle das doenças negligenciáveis. *Hansen Int.* 2014; 39 (1): p. 1-2.

aliviar os sofrimentos dos homens. Assim, importante é produzir conhecimentos (sejam eles em quaisquer áreas), mas pessoalmente creio que o mais importante, é colocar esses conhecimentos a disposição da humanidade para a sua utilização no sentido do bem coletivo.

Do exposto deduz-se o papel que os meios de comunicação desempenham nessa melhoria do mundo. Entende-se o papel dos livros, das revistas, jornais, rádio, televisão, etc.

Segundo o Google, uma **revista** é uma publicação periódica de cunho informativo, jornalístico ou de entretenimento, geralmente voltada para o público em geral. Para a presente revista, tinha como propósito divulgar conhecimentos específicos na área de hansenologia, abre agora o leque de assuntos com foi dito, começando pela área da tuberculose. É sabido que hanseníase e tuberculose tem uma raiz bacteriológica em comum, são do mesmo gênero *Mycobacterium*. São também filhas da mesma mãe, qual seja, das condições sociais precárias. Deve se ressaltar contudo, que todas as doenças, sejam elas quais forem, são sociais. Segundo Giovani Berlinguer (famoso sanitista italiano), a única doença que não é social é a febre que Robinson Crusóé teve durante sua estadia na

ilha, mesmo assim, antes de conhecer seu amigo Sexta Feira (alusivo ao personagem do livro publicado no Reino Unido, intitulado *Aventuras de Robinson Crusóe*, de autoria de Daniel Defoe, onde descreve os vinte e oito anos que o náufrago Robinson ficou numa ilha tropical próxima a Trinidad).

Em um importante relatório publicado em 1990 pela *Commission on Health Research and Development* apontou o “**desequilíbrio 90/10**” – somente 10 % dos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) são direcionados para os problemas de saúde de 90 % da população mundial. Neste relatório foi assinalado como doenças globais aquelas que incidem em países pobres e ricos quando existem grande número de pessoa vulneráveis (exemplo sarampo, diabetes, hepatite tipo B, doenças tabaco associadas, etc.); doenças negligenciadas, incidem em países pobres e ricos mas com grande proporção de casos nos países em desenvolvimento (HIV/Aids, tuberculose hanseníase, etc.); doenças mais negligenciadas, incidem primordialmente em países em desenvolvimento (Doença do sono, doença de Chagas, leishmanioses, esquistossomose, etc.). O Programa Especial para Pesquisas e Treinamento em Doenças Tropicais –TDR (é um programa hospedado na OMS e patrocinado pela UNICEF, PNUD, OMS e Banco Mundial), agrupa as 10 doenças em 3 categorias:

Categoria 1

Doenças emergentes ou fora de controle

O foco deve ser na geração de novos conhecimentos e no desenvolvimento de novas intervenções e sistemas (Doença do sono, Dengue e Leishmanioses).

Categoria 2

Apesar de existir uma estratégia de controle, a carga da doença persiste

As atividades de P&D cobrem um amplo espectro, mas estão focadas no desenvolvimento e testes de novas intervenções e estratégias (Malaria, Esquistossomose, Tuberculose)

Categoria 3

As estratégias de controle são eficazes, a carga da doença diminui e planeja-se sua eliminação como problema de saúde pública.

A pesquisa procura melhorar as atuais atividades de controle e eliminar os riscos (Doença de Chagas, Hanseníase, Filariose e Oncocercose).

Em vista do exposto, julgamos bastante pertinente a proposição da Dra Susilene Maria Tonelli Nardi, editora da Revista **Hansenologia Internationalis: han-**

seníase e outras doenças infecciosas, de ampliar a abertura de publicação de trabalhos para outras áreas de conhecimento, ou seja, divulgar as pesquisas no campo das doenças negligenciáveis (e das mais negligenciáveis) dando assim sua grande contribuição para beneficiar as pessoas vítimas das doenças em pauta.

Antonio Ruffino Netto

Professor Titular (Aposentado) do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto- USP